

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

1. A família ficção necessária; tradições e segredos...

Responsável EOL: Claudio Godoy

Participantes: Gloria Aksman, Eliana Amor, Andrea Breglia, Graciela Campanella, Silvina Diaz, Julia Eisbroch, Florencia Esteban, Marcos Fina, Romina Galiussi, Solana Gonzalez, Eliana López, Marcela Mas, Juan Pablo Mollo, Silvina Rago, Silvina Rojas, Solana Golzález Blanca Sánchez

Por que tudo se absorve no parentesco mais superficial? Por que as pessoas que vêm nos falar em psicanálise só nos falam disso?

Jacques Lacan

Ficções

A verdade tem estrutura de ficção; essa é uma definição estrutural que atravessa todo o ensino de Lacan. Verdades mentirosas ou mentiras verdadeiras povoam as histórias e mitos familiares, os nutrem e nascem, elas próprias, dos mal-entendidos que *alíngua* coze em seu caldo¹ multiplicando suas versões. Os falantes se sustentam nas ficções, como Jeremy Bentham percebeu antecipando a asserção lacaniana.² Assim, para o utilitarista inglês, não se trata tanto de distinguir entre entidades fictícias e outras que não, mas antes de assinalar que a linguagem mesma é criadora da realidade e das entidades que a habitam.

O Direito é uma entidade fictícia por excelência, uma invenção inerente ao Discurso-Mestre. Durante a segunda metade do século XX, as ficções jurídicas se revelaram cada vez mais em

¹ Cf. A lição de 19 de abril de 1976 do “Seminário 24” de Lacan sobre o “caldo de linguagem”.

² Bentham, J., *Teoría de las ficciones*. Barcelona: Marcial Pons. 2005.

seu caráter de semblantes vazios e, em um ritmo vertiginoso, impotentes para captar as profundas mutações da família que surgiriam no nascente século XXI. O questionamento das instituições tradicionais nos anos 70 levou a que a família fosse diretamente denunciada como patogênica e repressiva, promovendo sua própria dissolução. David Cooper, em seu célebre *A morte da família*,³ empreendia uma crítica radical da unidade familiar burguesa, por ele definida como um dispositivo ideológico, transmissor de “ficções internalizadas” que filtram e domesticam as experiências subjetivas para moldá-las ao conformismo burguês. Na mesma linha, os textos de R. D. Laing compilados em *Questionamento da família* (1969-1971),⁴ – baseados em sua prática antipsiquiátrica com esquizofrênicos – apontam a continuidade entre a perspectiva repressiva da família e a ação terapêutica. Estas críticas se juntaram ao freudomarxismo inspirado em autores como W. Reich e, especialmente na França, no êxito de *O Anti-Édipo* de G. Deleuze e F. Guattari publicado em 1972. Em suas páginas, era possível ler que as interpretações psicanalíticas só reforçavam o familiarismo edipiano; afinal, reduzem o sujeito a ser “... uma pobre criatura que consome eternamente o papá-mamã, e nada mais”.⁵

Em “Televisão” – do ano 1973 – podemos encontrar a resposta de Lacan a estas correntes da época –que ele chama genericamente de “sexo-esquerdismo” – para as quais a família seria uma ficção não só desnecessária mas também fundamentalmente repressora e patogênica. Eles propunham se libertar do seu lastro para derrubar os obstáculos ao gozo. Contrariamente, Lacan sustenta que “Mesmo que as recordações da repressão familiar não fossem verdadeiras, seria preciso inventá-las, e não se deixa de fazê-lo [...]. O impasse sexual secreta as *ficções* que racionalizam o *impossível* de onde ele provém”.⁶

Se seria preciso inventá-las, mesmo que não fossem verdade, é porque elas recobrem uma ponta de real: a impossibilidade que radica na desarmonia do falante com o sexo. Assim, entre real e ficção há uma relação dupla: estas provêm daquele, mas, por sua vez, sua função é racionalizar essa impossibilidade. As ficções familiares são um tratamento fantasmático e sintomático da ausência de relação sexual. É isso que as torna necessárias, prescindindo de sua veracidade.

³ Cooper, D., (1971) *La muerte de la familia*. Buenos Aires: Paidós. 1972.

⁴ Laing, R. D., (1971) *El cuestionamiento de la familia*. Buenos Aires: Paidós. 1972.

⁵ Deleuze, G. y Guattari, F., (1972) *El Antiedipo*. Barcelona: Barral editores. 1974, p. 28.

⁶ Lacan, J., (1973) *Televisión. Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012, p. 558.

A partir das modalidades lógicas lacanianas poderíamos formular que a experiência analítica evidencia que a ficção familiar é *necessária* – “não cessa de se escrever” – porque outorga sentidos ao *impossível* – “não cessa de não se escrever” – do sexo. Ela também mostra uma função de quadro, que facilita e obstaculiza em diversas proporções o acesso do sujeito aos objetos fora dela; isto é, em que medida ela abriu o campo do *possível* – “cessa de se escrever” e pode fazer alguma coisa com as *contingências* – “cessa de não se escrever” – dos encontros. A ideia de “liberação” supõe que a falha no gozo se deve unicamente à “repressão social-familiar”. Daí que diversas denúncias sobre o “roubo do gozo” que promovem a ilusão da harmonia perdida e recuperável de um gozo todo possam ser geradas. Já a psicoanálise nos ensina que essa falha é inerente ao trauma-buraco que a linguagem confere ao vivente, e que as invenções sociais que pretendem regulá-la são apenas semblantes que constituem modos de seu tratamento.

Tradição e invenção

Ora, apontar o caráter necessário da ficção familiar não significa desconhecer suas crises e mutações. Já desde “Os complexos familiares na formação do indivíduo” de 1938, Lacan apontava as modificações da ordem familiar produzidas pelo declínio da imago paterna. Emil Durkheim advertia em seu texto *A família conjugal* que esta era uma contração da família patriarcal, aquela que compreendia o pai, a mãe e todas as gerações saídas deles. Contrariamente, a família conjugal compreende apenas o marido, a mulher e filhos menores e celibatários:

[...] estamos em presença – apontava em 1892 – de um tipo familiar novo, pois os seus únicos elementos permanentes são o marido e a mulher, já que todos os filhos cedo ou tarde deixam a casa paterna [...].⁷

⁷ Duekheim, E., (1892) *La famille conjugale*. Les classiques des sciences sociales. Quévec. 2002, p. 4.

Assim, Lacan encontra que, à luz de um exame comparativo, é evidente a profunda remodelação que levou a instituição familiar desde suas formas mais arcaicas até a atual. Porém, ele esclarece:

Não somos daqueles que se afligem com um pretenso afrouxamento do liame familiar [...]. Mas um grande número de efeitos psicológicos nos parecem depender de um declínio social da imago paterna [...]. Qualquer que seja seu futuro, esse declínio constitui uma crise psicológica. Talvez seja a essa crise que se deve relacionar o aparecimento da própria psicanálise.⁸

Nos anos sessenta, ele estende essa perspectiva ao constatar o fracasso das utopias comunitárias e salientar a função de resíduo da família conjugal na evolução das sociedades. Se a família em sua forma mais ampla foi reduzida ao casal conjugal, isso revela o irreduzível que requer uma constituição subjetiva, e explica o fracasso daquelas utopias que pretendiam substituí-la: a relação com um desejo que não seja anônimo. É de acordo com essa necessidade que as funções da mãe e do pai são julgadas:

Da mãe: na medida em que seus cuidados trazem a marca de um interesse particularizado, nem que seja por intermédio de suas próprias faltas. Do pai: na medida em que seu nome é o vetor de uma encarnação da Lei no desejo.⁹

Assim, não só se manifesta a dimensão residual da família contemporânea, mas também deixa em aberto a possibilidade de que as funções isoladas como “irreduzíveis” possam se encarnar de maneiras diversas ao casal tradicional.

Nesse sentido, o século XXI apresenta um aceleração vertiginosa das configurações familiares. Constitui uma mudança induzida pela crise da família patriarcal tradicional,¹⁰ aquela em que o homem provedor tinha autoridade sobre as mulheres e seus filhos, mantendo

⁸ Lacan, J., (1938) Los complejos familiares..., *op. cit.*, pp. 71-72.

⁹ Lacan, J., (1969) Nota sobre el niño. *Otros escritos, op. cit.*, p. 393.

¹⁰ Cf. Castells, M., (1999) El fin del patriarcado: movimientos sociales, familia y sexualidad en la era de la información. *La era de la información. Economía, sociedad y cultura*. Tomo II: El poder de la identidad. México: Siglo veintiuno. 1999.

a unidade familiar. Modelo que dominou secularmente a organização social, o direito, a produção e a cultura, firmado no casal heterossexual.

Esta crise foi produzida pelo capitalismo e pela incorporação das mulheres ao mercado de trabalho, mas também pela ciência, da criação da pílula anticoncepcional (que acentua a separação entre sexualidade e reprodução), as técnicas de fertilização, até as mais recentes manipulações genéticas.¹¹ A ciência empreendeu uma desconstrução da maternidade ao fragmentá-la entre os óvulos e o útero, os quais podem se tornar mercadorias que se compram, alugam ou emprestam, combinando-se em diversas proporções. Constata-se, assim, a separação, cada vez mais radical, entre procriação e sexualidade, mas não com o argumento de desfrutar mais da segunda (como foi no século XX com a pílula anticoncepcional), mas para obter o domínio científico da primeira.

Por sua vez, a clínica atual apresenta muitos sujeitos que desligam seus sintomas de qualquer discurso ou história familiar, submersos em um pragmatismo dos laços, avaliando somente se uma relação “presta”, “soma”, ou se é mais conveniente “soltá-la”. As famílias devêm, nesta via, um artifício pronto tanto para ser montado e usado quanto para ser dissolvido ou descartado. Outorgam a estas configurações, instáveis e móveis, um caráter reticular e não de conjunto fechado.

Isso não significa o desaparecimento da família conjugal tradicional, mas demonstra o fim de sua hegemonia face à multiplicidade crescente de novos modos de montagens familiares, paralelas à crise do matrimônio como instituição. Constata-se a dificuldade crescente do sujeito contemporâneo para enlaçar a vida amorosa e sexual com o trabalho e a família. A demora na constituição de famílias, suas fraquezas, rupturas e reconfigurações sucessivas, a multiplicação de lares unipessoais ou de um único progenitor, aponta a tendência para uma diversificação em acelerado aumento.

Diferentemente dos anos setenta, quando se proclamava sua dissolução, hoje é progressista reivindicar o direito de formar uma família, prescindindo do modelo patriarcal-heterossexual. Isto separa mais radicalmente não só reprodução de sexualidade, mas também as funções materna e paterna da sexuação. Estas novas modalidades de montagem familiar questionam as categorias clássicas e nos interrogam sobre os modos em que elas se enlaçam. Nunca como na

¹¹ Cf. Ariès, Ph. y Duby, G., (1987) Secretos de familia. *Historia de la vida privada*. Tomo 9: La vida privada en el siglo XX. Madrid: Taurus. 1991.

atualidade se falou tanto em “montar” uma família, salientando seu caráter não só de montagem mas também de *puzzle* que deve ser resolvido de maneira singular, sem contar com os ideais tradicionais.¹²

Se o surgimento da psicanálise responde à grande neurose do século XX, ela terá que saber interpretar no nosso os sintomas resultantes das invenções que introduzem uma ampliação e diversificação inusitada do conceito de família, cujos limites e contornos ainda são difíceis de serem precisados. Uma época caracterizada por localizar, no lugar vago dos significantes mestres tradicionais, a pluralização dos SI no mercado. É constituído um tratamento novo, no qual as identidades proliferam, se multiplicam, fundando comunidades que reclamam seu direito à diferença. A maneira em que as famílias se enlaçam ou se desenlaçam se torna cada vez mais singular e menos orientada pelos discursos estabelecidos. Assim, o capitalismo e a voracidade do consumo têm uma função de destruição criadora: perfuram a tradição e fazem proliferar uma nuvem de novas formas de laços mais instáveis e variáveis.

Por sua parte, as ficções judiciais acabam contribuindo para sua amplificação. O sujeito contemporâneo, habitado pelo direito de ter direitos, é impulsionado – por exemplo – para o empurro psicologizante que promove a generalização e padronização do trauma. No entanto, tal como aponta o filósofo italiano Roberto Espósito, resulta necessário opor o comunitário ao imunitário.¹³ Este último constitui um sistema de segurança e avaliação que, em sua busca por patologias encobertas, pode fazer sinistro o banal, lá onde os aparatos de proteção judicial das vítimas de diversos conflitos familiares são os autênticos vitimários.

Outras ficções encorajam a criação de meninos com “gênero neutro”, promovendo a ilusão de autoengendramento. Mostram, assim, uma criança cada vez menos assujeitada ao desejo que a engendrou e sobre a qual, por sua vez, recai todo o peso não só de ter que criar um sexo mas a sua própria família.

¹² Sobre este ponto ver Laurent, E., (2006) Las nuevas inscripciones del sufrimiento del niño, e Laurent, E., (2007) El niño como reverso de las familias. *El goce sin rostro*. Buenos Aires: Tres Haches. 2010. Ver también Fanjwaks, F., (2013) Real, simbólico e imaginario de la familia. *Virtualia. Revista digital de la Escuela de la Orientación Lacaniana* N° 26. Año XII. Junio de 2013.

¹³ Espósito, R., (2002) *Inmunitas. Protección y negación de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu. 2009.

Onde localizar, então, a família? Em 1977, Lacan comenta o trabalho do antropólogo britânico Rodney Needham, autor e compilador da obra coletiva *O parentesco em questão*.¹⁴ Este debate merece ser evocado também porque retorna, de algum modo, na obra do antropólogo francês Maurice Godelier *Metamorfoses do parentesco*.¹⁵ Para ele, a "homoparentalidade" é um movimento irreversível, implicando uma drástica dissolução dos padrões de parentesco tradicionais à medida que estes se desprendem do matrimônio heterossexual. Os questionamentos ao parentesco de Needham e Godelier coincidem em que eles objetam a tese de Levi-Strauss – expressa em *As estruturas elementares do parentesco* – sobre a universalidade da proibição do incesto como garante da exogamia. Há, assim, para estes autores, comunidades em que as proibições sexuais não promovem a exogamia. Isto demonstraria que o tabu do incesto não seria um traço imutável de todas as sociedades, como também não a troca de mulheres entre homens constituiria um traço universal nos sistemas de parentesco.

Lacan encontra “justificada” a ideia de questionar o parentesco.

[...] pela razão de que comporta nos fatos uma variedade maior do que o que os analisantes dizem. Mas, o que segue sendo completamente surpreendente é que os analisantes, eles, não falam senão disso. A observação incontestável de que o parentesco tem valores diferentes nas distintas culturas não impede que as bordoadas por parte dos analisantes de suas relações com seus parentes mais próximos, é um fato que o analista tem que suportar.¹⁶

Se eles não falam senão *disso*, para Lacan, é porque “seus parentes próximos lhe ensinaram *alíngua*” (*Ibidem*). Diferentemente de um antropólogo, que a concebe em função das relações

¹⁴ Needham, R., (1977) *La parenté en question*. París: Ed. Seuil. 1977. Cf. também Needham, R., (1984) La transformación de los sistemas prescriptivos en Indonesia oriental. Tylor, E. e outros, *El parentesco. Textos fundamentales*. Buenos Aires: Editorial Biblos. 2012.

¹⁵ Godelier, M., (2004) *Métamorphoses de la parenté*. París: Fayard. 2004. A concepção deste autor sobre a família pode também ser lida em Godelier, M., (2000) *Cuerpo, parentesco y poder*. Quito: Ediciones Abya Yala. 2000, e Godelier, M., (2007) *En el fundamento de las sociedades humanas*. Buenos Aires: Amorrortu. 2014.

¹⁶ Lacan, J., (1976-77) “El seminario, libro 24. *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*”. Lição de 19 de abril de 1977. (Inédito).

de aliança e parentesco formais presentes em uma determinada sociedade, para um psicanalista a família está na língua e remete ao modo em que um analisante – em singular – fala em e é falado por sua família, enquanto se considera um resultado dela e porta os vestígios de seus modos de gozo. Não há, portanto, *alíngua* universal, há *alíngua* materna, há *alíngua* de família, mas também, fundamentalmente, em todas suas ressonâncias, ecos e equívocos absolutamente singulares.

Segredos, silêncios e obscenidade.

Podemos diferenciar o necessário da ficção familiar das diversas novelas e versões urdidas nela. Encontros e desencontros, o peso dos ideais ou dos sintomas parentais, mas também as proibições, os silêncios e tabus que formam a trama de uma análise. Estes são os capítulos censurados da história ou preenchidos com embustes, os quais podem fazer emergir -como a clínica demonstra- o sinistro no seio do mais familiar. De qualquer jeito, convém diferenciar cuidadosamente *taceo* de *sileo*; o que não se diz, o que se cala, e o mudo do gozo que habita nos laços familiares.

No “Seminário 24”, Lacan aponta que *alíngua* é uma obscenidade: porta as marcas e as ressonâncias do gozo de quem a transmite; é a “outra cena” obscena, a “obtrecena” (*l’obtrecène*)¹⁷ do parentesco onde podemos situar sua relação com o gozo e os “segredos” de família. Podemos encontrar essa perspectiva formulada anteriormente na “Conferência em Genebra sobre o sintoma”:

Os pais modelam o sujeito nessa função que intitulei como simbolismo [...] a maneira pela qual lhe foi instilado um modo de falar, não pode senão levar a marca do modo pelo qual foi aceito por seus pais [...].¹⁸

¹⁷ Lacan, J., (1976-77) “El seminario, libro 24...”, *op. cit.* Lição de 19 de abril de 1977.

¹⁸ Lacan, J., (1975) Conferencia en Ginebra sobre el síntoma. *Intervenciones y textos* 2. Buenos Aires: Manantial, p. 124

Mas, por sua vez, como aponta J.-A. Miller: “A família é essencialmente unida por um segredo, ela é unida pelo não dito [...]: de que gozam o pai e a mãe”.¹⁹ O *parlêtre* nasce de dois que se mal-entendem, que não falam a mesma língua.²⁰

O fator libidinal é o encontro com a carga de gozo que habita nessas palavras. Ela é seu poder de impacto, oficiando também como a caixa de ressonâncias sobre a qual opera a interpretação psicanalítica ao explorar o mal-entendido pelo mal-entendido.

O que faz com que um pai mereça respeito é que sua *père-version*, pela qual toma uma mulher como causa de seu desejo, não seja a normalidade mas o “justo não dito”.²¹ Há, portanto, uma dimensão necessária também no segredo. Podem se constatar os estragos daquelas famílias que albergam a pretensão de dizer tudo, irrupções de um excesso que opera como lastro inibitório para o sujeito. A anulação de qualquer véu ou possibilidade de equívoco cristaliza sentidos gozados cujos efeitos devastadores podem ser comprovados tanto na clínica da neurose quanto na da psicose. Podemos opor, então, o “justo não dito”, como bem-dizer, à obscenidade ligada à exigência de mostrar tudo.

Destino familiar ou singularidade

Somos falados por nossas famílias e, fazendo necessidade da contingência,²² com suas palavras um destino é urdido. Uma análise significa percorrer as ficções, mas o final não é seu triunfo, antes ela revela a impotência destas face à opacidade do real.²³ A saída de uma análise implica situar um ponto não familiar, uma singularidade. Assim propõe ler J.A. Miller a identificação ao sintoma do final de análise:

¹⁹ Miller, J.-A., (1993) *Cosas de familia en el inconsciente. Introducción a la Clínica Lacaniana*. Barcelona: ELP. 2006, p. 341.

²⁰ Cf. Lacan, J., (1980) *El malentendido*. Lição de 10 de junho de 1980. (Inédito).

²¹ Cf. Lacan, J., (1974-1975) “El seminario. libro 22. RSI”. Lição de 21 de janeiro de 1975. (Inédito)

²² Lacan, J., (1975-1976) *El seminario, libro 23. Le sinthome*. Buenos Aires: Paidós. 2007, p. 160.

²³ Cf. Miller, J.-A., (2007-2008) *Sutilezas analíticas*. Buenos Aires: Paidós. 2011, p. 135.

Dou aqui ao *identificar-se com seu sintoma* o valor de reconhecer sua identidade *sinthomal*... Identificar-se com isso, ser seu *sinthoma*, é livrar-se, depois de tê-las percorrido, das escórias herdadas do discurso do Outro.²⁴

Não se trata já aí do Outro mas do Um, além do inconsciente simbólico e seus efeitos de verdade; escórias nas quais reside sua dimensão mais real. É necessário ir do inconsciente a l'*Une-bévue* para poder se servir do pai e saber se desembaraçar “de” e “com” os semblantes familiares. Poder inventar um uso possível para aquelas marcas, depois de tê-las esvaziado do sentido que elas portavam.

Não é possível ter saudades do pai, da mãe ou da família de “antes“, nem ser apocalípticos a respeito do seu futuro. Mas também não ser crentes do seu progresso. Como Lacan adverte: não há progresso para o ser falante, giramos, bordejando um buraco. É o furo da ausência de relação sexual em torno do qual são construídas as ficções, os laços e as ordens familiares, sempre sintomáticos, porém, necessários. Será necessário acompanhar atentamente suas mutações para lê-los e saber fazer com eles.

²⁴ Miller, J.-A., (2006-2007) *El ultimísimo Lacan*. Buenos Aires: Paidós. 2013, p. 140.